

Cultural Awareness: moda ou tendência?

Heitor Freire de Abreu

Introdução

O termo *cultural awareness* tem aparecido, cada vez mais, na literatura militar; notadamente nos artigos que abordam as ações dos Estados Unidos da América (EUA) e de seus aliados no Iraque e no Afeganistão nos dias atuais. Como todo assunto militar proveniente dos EUA, é natural que exista curiosidade e – por que não dizer? – uma tentativa de assimilar aquilo que poderia ser útil ao Exército Brasileiro em função das recentes experiências de combate daquele país.

Antes de explorar o assunto, faz-se necessário responder a uma pergunta - *a priori* simplória e óbvia - mas cujo entendimento será fundamental para o desenvolvimento deste breve ensaio introdutório: O que é cultura?

As respostas são inúmeras, podendo encerrar-se em uma simples palavra ou atingir teses profundas e complexas. O manual (EUA) FM 3-24 – *Counterinsurgency Operations*, define cultura como “*a system of shared beliefs, values, customs, behaviors, and artifacts that members of a society use to cope with the world and with one another*¹ ” (KARCANES, 2007, p.2). Por hora, basta dizer que, conforme BRASIL (2009), a palavra cultura abrange várias formas artísticas, mas define tudo aquilo que é produzido a partir da inteligência humana. Está presente desde os povos primitivos em seus costumes, sistemas, leis, religião, em suas artes, ciências, crenças, mitos, valores morais e tudo aquilo que compromete o sentir, o pensar e o agir das pessoas. Destaca-se que cultura tem íntima ligação com o ser humano, suas ações e suas reações, portanto, extremamente ligada ao fim da profissão militar, uma profissão do campo social por excelência.

Informação e Conhecimento

A partir desse ponto, faz-se necessário abordar a diferença entre informação e conhecimento, a fim de prosseguir no desenvolvimento das idéias que se pretende expor. É natural a confusão entre esses dois termos, como é a confusão entre líder e liderança, sexo e

¹ “um sistema de crenças compartilhado, valores, costumes, comportamentos e produtos manufaturados que os membros de uma sociedade usam para interagir com o mundo e uns com os outros”. (tradução do autor).

sexualidade, Marx e o marxismo e Filosofia e religião, dentre outros equívocos linguísticos e semânticos.

Informação nada mais é do que uma notícia sobre um determinado fenômeno, fato, pessoa ou objeto. Já o conhecimento, é mais elaborado e exige capacidade intelectual apurada, pois presume a análise profunda da informação, buscando a razão no tempo e no espaço, seus efeitos e suas repercussões. Entende-se a diferença entre eles de maneira simples por meio de dois exemplos.

Sabe-se que o cidadão norte-americano tem o costume histórico de possuir armas em sua residência. É um fato visto como natural naquela cultura. Isso é informação. No entanto, quando se entende que esse comportamento tem origem no início da sua colonização, em função de que, enquanto a América Espanhola, no século XVII, já possuía universidade, bispado, artes literárias e plásticas, dentre outras exteriorizações de desenvolvimento segundo a ótica européia, os **vilarejos norte-americanos** não passavam de praças-fortes isoladas, - que iriam se desenvolver em povoados e modernas cidades muitos anos depois - defendendo-se de índios que não aceitavam a sua presença, chega-se ao conhecimento. Mais tarde, quando as lutas de independência iniciaram, notadamente em Lexington e Concord, grupos de milicianos que lavravam a terra e cuidavam de seus animais, se viram obrigados a lutar pela independência. Surgiram os chamados *minutemen*, ou cidadãos em armas, pois deveriam estar preparados para largar seus afazeres econômicos e lutar contra a Inglaterra a “qualquer minuto”. Como não carregar, atualmente, no seu “DNA histórico” a convicção de que a defesa dos seus interesses pressupõe o direito de portar armas em sua casa?

Todos sabem – e alguns cobiçam – a prerrogativa de que muitos povos islâmicos permitem a poligínia²; ou seja, um homem pode se casar com até quatro mulheres³. Mais uma vez temos a informação, simples e sem grandes significados práticos. No entanto, quando se verifica que esse direito advém de um fato social, entende-se com mais profundidade o seu significado. Abre-se o conhecimento. Por estarem envolvidos em guerras sucessivas desde os primórdios, muitos homens que adotaram o islamismo como religião eram mortos em combates. Naturalmente, isso gerava um déficit de homens em relação às mulheres, criando profundos problemas sociais à medida que aumentava o número de viúvas e de filhos órfãos de pai. Uma solução plausível encontrada à época, foi a permissão da prática da poligínia pois, se o homem pudesse sustentar economicamente suas mulheres, proporcionando atenção

² Poligínia significa o casamento de um homem com várias mulheres e poliandria de uma mulher com vários homens. Poligamia pode significar tanto um quanto outro.

³ Aqui, apresenta-se somente uma razão. Ressalta-se que existem outras justificativas **para** a poligínia **dos** povos africanos e de outros.

igual para todas, estaria colaborando para que não se aumentasse o número de indigentes nas ruas, minimizando os problemas sociais decorrentes.

Assim, com os dois exemplos acima, verifica-se a diferença entre informação e conhecimento. Antes de condenar o costume norte-americano de possuir armas e de um islâmico casar-se com mais de uma mulher, há que se pesar outros fatores. Tal entendimento é fundamental para se compreender o que é, afinal, o *cultural awareness* e sua importância nas operações militares, sejam de guerra, sejam de não-guerra.

Cultural Awareness

Cultural awareness pode ser traduzido como “consciência cultural”. Trata-se de um conhecimento genérico de uma cultura ou sociedade específica, não significando um nível de conhecimento elevado ou vivência. Aborda aspectos tangíveis, como vestimentas, culinária, esportes típicos, idioma e arquitetura, dentre outros; e intangíveis, como tolerância às mudanças, noção de tempo e de espaço, crenças, sentimento de justiça e semântica das palavras.

Cultural Awareness e as Operações Militares

Faz-se necessário, atingido esse estágio, explicitar a ligação entre o foco desse artigo e as operações militares.

A guerra, encarada como um fenômeno social, supõe que exércitos de diferentes países irão interagir. Sejam como oponentes, sejam como aliados. Assim, espera-se que existam diferenças culturais onde os comandantes deverão encontrar formas de mitigá-las visando ao cumprimento da missão. Destaca-se que nos conflitos assimétricos e de longa duração o assunto torna-se mais percuciente.

Em um outro nível, encontram-se as operações de paz capitaneadas pela Organização das Nações Unidas (ONU). Nesse tipo de operação militar de não-guerra, o valor da consciência cultural cresce de importância por razões óbvias.

Destaca-se, no ambiente militar, algumas premissas importantes sobre *cultural awareness*:

- o estudo sobre esse assunto tem seu centro de gravidade no nível Operacional, pois o Tático apenas responderá às diretrizes do primeiro durante as ações desenvolvidas em combate, atendo-se aos aspectos doutrinários. O nível Estratégico preocupa-se com os Campos do Poder de uma forma global, emitindo diretrizes muito genéricas sobre o assunto;

- há expressiva ligação com o Direito Internacional dos Conflitos Armados (DICA), pois a percepção de justiça de uma cultura pode englobar noções de moral e ética diferenciadas; e

- deve ser de domínio dos oficiais que realizam o assessoramento nos mais altos níveis da Força e estão relacionados para cumprirem missões de paz na ONU como integrantes de tropa, membros de estado-maiores e observadores militares.

Níveis de *Cultural Awareness*

A consciência cultural faz parte de uma complexa trama de entendimento individual e coletivo, pois envolve mais do que condicionamento; envolve percepção. Assim, apresenta-se uma gradação de níveis que facilita o entendimento do assunto:

Nível	Síntese	Estágio	Características
1	Meu caminho é o único caminho.	Paroquial	<i>Grande risco de choque cultural</i>
2	Eu conheço o caminho dele, mas o meu é melhor.	Etnocêntrico	<i>Sabe-se, mas ignora-se a cultura do outro</i>
3	O meu caminho e o caminho dele.	Sinergia	<i>Podem-se criar novas soluções diante de um problema comum</i>
4	<i>O nosso caminho.</i>	<i>Participação mútua</i>	<i>Implementam-se soluções para cada caso. Há confiança entre as partes</i>

Quadro 1 – Níveis de *cultural awareness*.

Fonte: Cantatore e Quappe (2008). Organização do autor.

Níveis de Competência para Assessores Militares

A expressão *cultural awareness* não esgota o assunto nem é o nível mais alto quando se buscam os fundamentos teóricos sobre o impacto que as diferenças entre culturas podem propiciar durante operações militares. Conforme Wundeire (2006), citado por Karcane (2007, p.2), algumas definições são importantes no sentido de se entender que há uma gradação no conhecimento de uma cultura e, portanto, de competência para assessorar. Ele propõe a seguinte hierarquia:

- ***Cultural Consideration***

É o menor nível. São conceitos genéricos, obtidos durante um treinamento ou estágio militar. Passa-se a saber onde e como encontrar maiores detalhes sobre uma cultura ou área de operações cujas pessoas são culturalmente diferentes.

- ***Cultural Awareness***

É superficial. Compreende costumes, tabus, valores que se aprende sobre uma cultura, mesmo que somente por leitura. Aborda aspectos do tipo “faça” e “não faça” quando estiver em contato com determinada cultura.

- ***Cultural understanding***

Já se tem profunda consciência de uma determinada cultura, a ponto de se conhecer fatores motivadores dos integrantes dela e poder usar esses dados na tomada de decisão militar.

- ***Cultural Competence***

É o maior nível. Trata-se da fusão entre *cultural understanding* e inteligência cultural, **cujos produtos** são operações correntes e futuras focadas nos aspectos militares e culturais. Compreensão acerca da organização, infraestrutura, meio ambiente, economia, religião e História do país-alvo. É o nível que o comandante Operacional deve buscar, bem como o seu estado-maior. Destacam-se três militares que caracterizam, na visão do autor, esse nível: Rondon, T. E. Lawrence e John Pershing.

Rondon demonstrou conhecer muito além da teoria sobre a cultura indígena, tornando-se referência, até os dias de hoje, para antropólogos interessados em conhecer a forma de pensar e de decidir dos índios brasileiros, facilitando, inclusive, a aproximação de tribos que nunca tiveram contato com o chamado “homem branco”. Foi competente ao conciliar desenvolvimento e respeito ao índio. T. E. Lawrence, conhecido como Lawrence da Arábia e autor do livro “Os Sete Pilares da Sabedoria”, é um ícone quando se trata de Operações Psicológicas. Sua atuação junto às tribos árabes no combate aos turcos na Primeira Guerra Mundial só foi possível graças à sua imersão naquela cultura, angariando a necessária confiança para liderá-los em um extenuante combate assimétrico. O General (EUA) John J. “Black Jack” Pershing tornou-se um especialista em México e Filipinas no início do século XX em função da sua longa vivência e conhecimento desses países, tornando-se valioso assessor nessa área geográfica de grande interesse para os EUA à época.

Esses níveis são elásticos. **Podem-se** ter recursos humanos que permeiam dois ou, até mesmo, três desses níveis. O importante é entender que existe uma hierarquia de conhecimento e de vivência. Isso evita, por exemplo, colocar-se um profissional sem o preparo adequado para realizar um assessoramento além de suas possibilidades.

Cultural-centric warfare⁴

⁴ Combate focado na diversidade cultural.

Durante muitos anos, as Forças Armadas dos EUA colocaram como centro de gravidade das vitórias a serem obtidas no que eles chamaram de *Technologically-centric warfare*⁵; ou seja, a vitória poderia ser atingida, em grande parte, por meio de emprego da plethora de armamentos e equipamentos de altíssima tecnologia disponíveis. No entanto, a realidade mostrou-se um pouco diferente. Malgrado os sucessos iniciais que tal poderio tecnológico proporcionou – e foram expressivos, diga-se de passagem – eles não resolveram o problema bélico até o final. Parecia haver, nas fases finais das operações (o Vietnã é o exemplo clássico), uma “teimosia” do inimigo em não se entregar diante da absoluta assimetria entre as forças. Daí, surgiu uma pergunta: Se os EUA possuíam as melhores e mais avançadas armas do mundo, o melhor treinamento e ampla experiência de combate, por que não venciam as guerras conforme planejado? A resposta é simples: **porque** não conseguiam penetrar no arco cultural do inimigo e, muitas vezes, de seus aliados; ou, conforme o clichê, “nos corações e nas mentes”.

Como corolário, surgiu o conceito de *Cultural-centric warfare*, que complementou o de *Technologically-centric warfare*, produzindo a necessária sinergia entre tecnologia e cultura. Assim, o comandante Operacional passou a ser treinado em aspectos que ultrapassam a simples doutrina, onde se reconheceu que as decisões militares – especialmente no nível Operacional – devem levar em conta aspectos humanos, militares ou não. Surgiu, daí, o conceito de *human intelligence* (HUMIT), que envolve o conhecimento e o apoio em áreas que até então eram consideradas dispensáveis para o estamento militar: antropologia, sociologia, psicologia etc, que auxiliam o comandante Operacional em diferentes aspectos, revelando-lhe motivações e reações do aliado e do inimigo em função de atitudes militares tomadas. Depreende-se, então, que o comandante Operacional deve possuir características diferentes de um comandante Tático ao desempenhar suas funções nesse nível da guerra. A experiência dos EUA demonstrou que algumas características são essenciais para o comandante Operacional:

- criatividade;
- adaptabilidade;
- paciência; e
- sensibilidade social.

Experiência na Costa do Marfim

⁵ Combate focado na supremacia tecnológica.

Estive na Costa do Marfim, na África, por um ano, como observador militar da ONU. Naquela oportunidade, foi possível entender um pouco mais sobre a necessidade de se conhecer a cultura do país em que se vai trabalhar. Na África, esse tema cresce de importância, pois naquele continente existem mesclas de fatores que torna a tarefa complexa. Há o viés religioso, já que convivem islâmicos, cristãos e animistas no mesmo território. Há o problema tribal, pois a Costa do Marfim é um “nó tribal” expressivo no continente, envolvendo mais de seis grandes tribos e inúmeras subdivisões dessas tribos. Além disso, residem problemas da atualidade que contribuem para tornar o cenário em um mosaico de interesses, como a influência francesa na colonização, os objetivos econômicos chineses e russos (fontes de energia), a permanência da ONU no território e os problemas com países vizinhos, como Mali e Libéria. Assim, conhecer os fundamentos culturais tornou-se imperativo, bem como respeitá-los.

Aproveita-se para abordar um outro lado do *cultural awareness*: o choque cultural. Como foi visto, adaptar-se às demandas culturais de um país quando se realizam operações militares é uma necessidade; mas nem sempre isso é fácil, pois envolve mudança de percepção de mundo, de conceitos morais, religiosos e de alimentação, dentre outros. No entanto, não se pode desconsiderar que na realidade esse assunto comporta uma abordagem etnocêntrica. Trata-se de respeitar a cultura do estrangeiro, do que sai do seu país seja para combater, seja para participar de uma missão capitaneada pela ONU. Respeitar a cultura alheia não significa corromper ou abrir mão da própria cultura. Há que se chegar a um ponto de equilíbrio.

Na Costa do Marfim, adotei dois procedimentos diferentes quando o assunto era *cultural awareness*. O primeiro dizia respeito ao país hospedeiro. Haja vista a missão buscar, dentre outros aspectos, desescalar a crise, me permiti aceitar alguns procedimentos que normalmente não aceitaria, desde que não ferissem os valores morais que eu acreditava. Comer com as mãos e sentar-me no chão para conversar, foi um exemplo. Isso facilitou o trabalho, criando proximidade e confiança.

Já no que tangia aos exércitos contribuintes e civis que trabalhavam na ONU, as concessões foram bem menores, por considerar que assim como eles, eu tinha direito a externar certos hábitos culturais próprios. Um exemplo simples: ao convidar um oficial de um exército cuja religião era islâmica para almoçar, avisava que eu consumiria cerveja, mesmo sabendo que a ele era proibido. Nunca houve problema, pois ficava claro que da mesma forma que eu nunca ofereceria uma cerveja a um islâmico, eles, por sua vez, não tinham o direito de impedir que eu consumisse álcool.

Conclusão

O termo *cultural awareness*, voltado para as operações militares, é uma novidade no Brasil. Alguns poderão afirmar que essa abordagem já era feita empiricamente, o que é verdade, mas não significou, necessariamente, eficiência. Dependia – e ainda depende - do grau de preparo profissional-cultural que é, obviamente, diferente entre os militares. Institucionalizar o assunto, normatizando-o, é o caminho mais prudente, ainda mais quando se trata de tema tão sensível.

A Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME) é o lugar onde os estudos sobre *cultural awareness* podem ser centralizados. A razão é cristalina: o foco deve ser o comandante Operacional, que é um dos objetivos de formação do Curso de Altos Estudos Militares, ministrado naquela Escola.

Por derradeiro, responde-se à pergunta que deu título a esse artigo: *cultural awareness* não é moda nem tendência: é uma necessidade cada vez maior para os exércitos, ainda mais em países como o Brasil que demonstram a intenção de ampliar sua presença em várias partes do globo por intermédio de militares em missões lideradas pela ONU.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARCURI, Anthony, P. **The Importance of Cross-cultural Awareness for today's Operational Environment.** Carlisle Barracks, Pennsylvania, 2007. 34fl. Dissertação (Mestrado em Estudos Estratégicos) – U.S Military College, USAWC Strategy Research Project.

BRASIL ESCOLA. Site privado de educação. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/cultura/>> . Acesso em 7 jun. 2009.

CANTATORE, Giovanna; QUAPPE, Stephanie. **What is Cultural Awareness, anyway? How do I build it?** Disponível em <<http://www.culturocity.com/articles/whatisculturalawareness.htm>> . Acesso em: 8 jun. 2009.

CENTER FOR ADVANCED DEFENSE STUDIES. ORACLE OF INTELLIGENCE (EUA). **Cultural Intelligence and the United States Military.** Defense Concepts Series. July 2006.

HOSKINS, Brant, D. **Religion and other Cultural Variables in Modern Operational Environments.** Fort Leavenworth, Kansas, 2007. 67.fl. Dissertação (Mestrado em Estudos Militares Avançados) - School of Advanced Military Studies, United States Army Command and General Staff College.

KARCANES, James A. **Cultural Competence and the Operational Commander: moving beyond cultural awareness into culture-centric warfare.** Newport, 2007. 22fl. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) - Naval War College, Department of Joint Military Operations.

WUNDEIRE (2006) apud KARCANES, James A. **Cultural Competence and the Operational Commander: moving beyond cultural awareness into culture-centric warfare.** Newport: Naval War College, 2007. p. 2.

O autor é Major de Cavalaria do Exército Brasileiro, doutorando em Ciências Militares pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, com ênfase em Logística Militar Terrestre. Possui o MBA de Logística Empresarial da Fundação Getúlio Vargas (FGV) e foi observador militar da ONU entre outubro de 2005 e outubro de 2006 na Costa do Marfim (África). Em 2009, é adjunto ao chefe da 3ª Seção (Planejamento e Operações) da 1ª Divisão de Exército. (E-mail: majheitor@gmail.com).